



AULAS INCLUSIVAS: REFLEXÕES QUANTO ÀS POSSIBILIDADES
INCLUSIVE CLASSES: REFLECTIONS ON POSSIBILITIESBRITO, Renata Barbosa de¹**RESUMO**

Este artigo tem a intenção de provocar reflexões sobre até que ponto as aulas são inclusivas. As práticas pedagógicas que são utilizadas seguem um modelo de exclusão, segregação, integração ou inclusão? Há um espaço nos planejamentos anuais para uma proposta de aprendizagem significativa para os alunos com dificuldades, para os alunos com deficiência ou para aqueles que apresentam outras especificidades? E a relação professor-aluno? Esse quesito também tem que ser questionado. Será que é possível ocorrer à aprendizagem sem uma relação de afetuosidade? A metodologia utilizada será uma pesquisa ação e a pesquisa bibliográfica. É imperativa a reflexão sobre as práticas inclusivas nas salas de aula. Todos os educandos têm o direito à aprendizagem e de participarem junto aos seus colegas de propostas significativas, principalmente em grupos ou com pares avançados quando necessário, mas que eles tenham o direito de estar entre os seus, independente das especificidades apresentadas.

Palavras-chave: Exclusão. Segregação. Integração. Inclusão. Práticas inclusivas.

ABSTRACT

This article is intended to provoke reflections on the extent to which classes are inclusive. Do the pedagogical practices that are used follow a model of exclusion, segregation, integration or inclusion? Is there a space in annual planning for a meaningful learning proposal for students with disabilities, for students with disabilities, or for those with other specificities? What about the teacher-student relationship? This question also has to be questioned.

Is it possible to occur to learning without a relationship of affection? The methodology used will be an action research and bibliographic research. It is imperative to reflect on inclusive practices in the classrooms. All students have the right to learn and to participate with their colleagues in meaningful proposals, especially in groups or with advanced peers when necessary, but that they have the right to be among their own, regardless of the specificities presented.

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Guarulhos, Pós – Graduada em Gramática e Texto da Língua Portuguesa pela Universidade Nove de Julho e Mestranda em Letras pela Unifesp e professora da rede municipal de ensino de São Paulo – renata.brito20@unifesp.br .

Keywords: Exclusion. Segregation. Integration. Inclusion. Inclusive practices.

1. INTRODUÇÃO

Por muitos anos acreditou-se que um plano de aula que contemplasse atividades adaptadas para alunos que apresentavam outras especificidades, atenderiam as exigências das práticas inclusivas. Hoje sabemos que não. Fazer uso das práticas inclusivas na sala de aula é incluir todos na mesma atividade. De acordo com o dicionário Houaiss, a palavra incluir significa: “estar incluído ou compreendido; fazer parte; figurar, entre outro(s); pertencer, junto com outro(s)”. Observando o cenário atual, sabemos que há várias formas de se planejar uma aula inclusiva, mas para isso é imprescindível que o professor conheça os seus alunos com riqueza de detalhes; e lembrando que eles contemplam a geração Z². A partir das características do grupo, o professor tem subsídios para planejar as suas aulas, num contexto que contemple as realidades que permeiam o cotidiano dos educandos.

Os educandos do século XXI (em todas as suas especificidades, ou seja, em suas diferenças) fazem parte de um público que necessita de atenção, carinho, de um cuidado especial em relação às propostas de atividades e afetuosidade por parte dos educadores. Esse perfil de estudantes acaba extraíndo de seus professores outros papéis. Muitas vezes, os professores acabam sendo: pais, mães ou até mesmos; psicólogos. E só depois de tudo isso é que acaba conseguindo exercer a sua profissão com maestria.

Por isso, a importância do afeto na construção dessa relação. Sem o afeto, sem a aproximação, sem a leitura das características do grupo é difícil construir e dar vida ao processo de aprendizagem. Na linha do tempo entre a construção do afeto e da aprendizagem, há um espaço que contempla o planejamento escolar. O planejamento tem que considerar a sala de aula em sua diversidade. As atividades mesmo que não sejam as mesmas para todos, por vezes é necessário flexibilizá – las;

² Geração Z é o conjunto de crianças que nasceram na primeira década do século XXI, imersas na tecnologia digital e com novos hábitos em relação às gerações anteriores.
brasilecola.uol.com.br

mas no decorrer da aula esse público tem que estar inserido no mesmo contexto que o restante da turma.

É muito importante que já no processo de construção do planejamento, lembrarmos que as dificuldades dos educandos que apresentam outras especificidades no processo de aprendizagem, não podem ser evidenciadas, com propostas de atividades que não estejam contextualizadas com as temáticas propostas. Assim, pretende-se através desse estudo apresentar elementos que ofereçam igualdade com justiça dentro das salas de aula, dentro da sua diversidade. Em face do cenário atual, compartilho uma situação de aprendizagem que me motivou a escrever este artigo. Após, participar de formações direcionadas as práticas inclusivas, realizei uma experiência exitosa realizada em sala de aula. Numa turma de 8º ano do Ensino Fundamental (Pós-Pandemia) notou-se que as relações interpessoais se esfriaram.

Os prejuízos causados aos alunos afetaram tanto o processo de aprendizagem quanto as relações. Nessa turma havia uma aluna cujo CID10/Q90 e que a questão da coordenação motora estava bem delicada. A aluna encontrava-se no processo de alfabetização e não sabia escrever seu próprio nome. Até aquele determinado momento, as atividades eram flexibilizadas dentro da proposta de alfabetização. Então, deparei-me com a necessidade de realizar formações para ampliar o meu olhar e ressignificar as minhas práticas pedagógicas. A partir desse momento, fui aprendendo os conceitos sobre: exclusão, segregação, integração e inclusão.

Foi um choque de realidade pensar que há tempos eu acreditava que minhas práticas estavam em consonância com o currículo, e que flexibilizar as atividades já seria o suficiente. Então, para que todos pudessem participar da aula pensei em trabalhar com o significado dos nomes. Dessa forma, poderia ir incentivando a aluna a traçar a inicial do seu nome e ao mesmo tempo trabalharia questões de identidade com todos. Realizei um sorteio. Cada um tinha que pesquisar o significado do nome do colega e foi solicitado através de um bilhete que a família ajudasse a aluna a realizar a pesquisa, mas não obtive respostas. Sendo assim, realizei a pesquisa. Numa visão panorâmica a atividade contemplava: a confecção de uma marca – página

com o significado do nome pesquisado, a entrega da lembrança confeccionada e uma roda de conversa onde cada um tinha que responder três questões (o significado do próprio nome, o porquê dos pais escolherem seus nomes; e de que região do país os pais migraram).

Foi necessário realizar algumas pesquisas sobre os significados dos nomes naquele exato momento, mas isso não impossibilitou a concretização da atividade. O relato iniciou-se por mim e foi com muita naturalidade até o último aluno. A aluna em questão não soube responder como os demais, porém estava incluída junto aos outros e prestando atenção em tudo. Dessa forma, aprendi que não existem receitas e que o tempo todo teremos que imaginar, criar, tornar as coisas mínimas; em significativas. Esse processo em ensinar a aluna a escrever seu próprio nome continua, pois, a mesma esquece o que aprende com muita facilidade, porém não é um argumento para que haja desistência da minha parte. É uma sala falante, conflituosa e levo propostas para que a cada aula eles aprendam aos poucos a conviver melhor.

2. EXCLUSÃO

Após dois anos ausentes do ambiente escolar devido à pandemia do COVID-2019, não podemos dizer que o ensino híbrido tenha conseguido substituir a rotina de um ambiente escolar. Foi um processo de exclusão necessário, mas que afetou duramente as relações interpessoais, o comportamento em sala de aula, a interação com os professores; porém não estávamos preparados para começar do zero.

Como se sentirão esses alunos no primeiro dia de aula? Quebrada a continuidade da familiaridade e dos afectos que os entrelaçavam na escola já familiar, como os receberá a nova escola: como pessoas ou como números? Fornece-lhe-ão a informação necessária e correcta para que eles possam se contextualizar? Aparecer-lhe - à como uma escola “com cara” ou terá dela a ideia de uma escola indistinta e estandardizada? Quem se preocupará com o que eles sentem? Quem se preocupará com o que eles sentem? Quem criará o contexto que os leve a integrarem-se e a viverem a escola em vez de se isolarem e quererem apenas “passar pela escola o mais rápido possível”? (Alarcão, Izabel. 2005 p.10)

O processo de exclusão é bem anterior à pandemia e com a mudança de comportamento dos mesmos no ano de 2022, foi uma das dificuldades encontradas

por um bom número de docentes nas rotinas escolares. Infelizmente, esses dois anos de afastamento escolar acarretaram num processo que podemos traduzir como: a perda de identidade dos alunos em relação à escola. Muitos esqueceram como se comportar num ambiente social e isso colaborou com o processo de exclusão que pôde ser observado por muitos docentes e por vários ângulos, mas de uma perspectiva pautada nos prejuízos advindos do mau comportamento por parte de alguns alunos e que impossibilitou a atuação do professor. Quando se faz o uso do termo exclusão, temos o hábito de lembrar somente dos alunos com deficiência, mas quando os próprios alunos por problemas de comportamento atrapalham veementemente o andamento de uma aula, ele também colabora para que seus colegas sejam excluídos do processo de ensino e aprendizagem. Esse foi um dos fatores que muitos docentes tiveram que enfrentar na Pós – Pandemia.

Em contrapartida num outro contexto que já ocorria antes da Pandemia necessita-se iminentemente que o olhar educativo dos professores não permita em pleno século XXI que alguma criança seja excluída do processo de aprendizagem, porque ou é um aluno com deficiência, ou é um aluno que apresenta alguma dificuldade de aprendizagem ou apresenta outras especificidades e até mesmo por atos de indisciplina em sala de aula. Como educadores, temos que oferecer uma proposta de trabalho que atenda a todos os alunos, e o ponto de partida são: conhecendo-os, interessando-se pelos assuntos que despertam a sua atenção e evitando impor atividades que achamos ser o ideal para eles.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas. (MEC/SEESP, 2007 p. 01)

A imagem abaixo traduz uma proposta de ensino que até pode estar em consonância com o currículo, mas que exclui os alunos que apresentam diferentes especificidades.

Figura 1



Fonte: <http://simonehelendrumond.blogspot.com/>

3. INTEGRAÇÃO

Por vezes, o docente somente notará que o planejamento que realiza é excludente, quando participar de cursos de formação contínua ou quando essas questões forem problematizadas. Então, através das reflexões propostas e de um momento de autoanálise de suas práticas é que o docente observará a necessidade de ir alterando as metodologias utilizadas.

Comecei a querer compreender mais a fundo. Queria perceber os fenômenos relacionais que se estabelecem entre o professor e os alunos, as formas de acesso ao saber que se abrem aos estudantes, as dificuldades sentidas nesse acesso, o modo de lidar com a diversidade dos alunos no mesmo espaço didático. Queria identificar os contextos e as interações que permitiam o desenvolvimento e a aprendizagem dos meus alunos e de mim própria como professora. (Alarcão, Isabel. 2005 p.77)

Dessa forma, buscará refletir sobre novas práticas para enriquecer as aulas. A partir daí, poderá ocorrer um processo de flexibilização das atividades para os alunos que apresentam outras especificidades. Se essas atividades partirem de uma perspectiva de aprendizagem (que pode ser do campo da alfabetização ou numa perspectiva que contemple a mesma temática do restante da sala), mas em contrapartida, se os alunos que apresentam outras especificidades realizarem essas atividades através da intervenção de uma estagiária ou em condições que não interajam com a turma; podemos dizer que esse processo não é de inclusão e sim de integração. Então, esperar que os alunos ajustem ao modelo que a escola espera pode - se entender como integração.

A inclusão pressupõe que a escola se ajuste a todas as crianças que desejam matricular-se em sua localidade, em vez de esperar que uma determinada criança com necessidades especiais se ajuste à escola (integração). (PACHECO, 2007. p.13)

Figura 2



Fonte: <http://simonehelendrumond.blogspot.com/>

4. SEGREGAÇÃO

Nota-se também que, em algumas práticas escolares há casos em que o docente solicita que o(a) estagiário(a) conduza o aluno com deficiência para outro espaço que não a sala de aula, por acreditar que o barulho, ou gritos emitidos por aquele aluno atrapalhará a aula.

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (MEC/SEESP, 2007 p. 01)

Conhecemos essa ação por segregação e ela se mantém bem longe da proposta de práticas inclusivas, e podemos visualizá-la na imagem abaixo.

Figura 3



Fonte: <http://simonehelendrumond.blogspot.com/>

Sem fazer o uso do “julgamento” infelizmente durante a minha trajetória como docente cruzei com tal ação citada; utilizei como uma experiência indesejada e que jamais faria o uso dela.

Comecei a conceber a escola como organismo vivo, também ela em desenvolvimento e aprendizagem, norteadas por uma finalidade (educar) que se concretiza num grande plano de ação: o projeto educativo. (Alarcão, Isabel. 2005 p. 79)

Na profissão da docência acredito que a empatia tem que ser uma ação que tem que acompanhar o profissional a todo o momento. Sendo assim, “não façamos aos filhos do outro aquilo que não queremos que façam aos nossos”.

5. INCLUSÃO

Sabemos dos desafios de ensinar turmas heterogêneas, onde encontramos alunos que ainda se encontra em processo de alfabetização, alunos com deficiência, alunos com dificuldades de aprendizagem e que também apresentam outras especificidades.

Não quero uma escola que se lamenta do insucesso como um pesado e frustrante fardo a carregar, mas uma escola que questione o insucesso nas suas causas para, relativamente a elas, traçar planos de ação. Uma escola que reflita sobre os seus próprios processos e as suas formas de atuar e funcionar. (2001 apud Roldão. 2005 p.82)

Porém, o grande desafio é nos atentarmos as nossas práticas procurando ter um olhar mais pedagógico para com os nossos educandos e buscando qualidades

neles que possam agregar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Não há espaço para desculpas. Senão temos os conhecimentos temos que buscá-los. E para que haja a inclusão nas salas de aulas faz – se necessário buscar estratégias diferenciadas para que possamos atender nossos educandos.

Acreditamos e proclamamos que: [...] escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA)

Figura 4



Fonte: <http://simonehelendrumond.blogspot.com/>

6. PRÁTICAS INCLUSIVAS

As práticas pedagógicas devem apresentar propostas que incluam todos os alunos da sala de aula.

Em síntese, a escola tem uma missão: educar. Pensa-se e organiza-se para saber como desempenhar essa missão num dado contexto temporal e sociocultural. Quer saber se está no bom caminho e para isso investiga-se e avalia-se a si própria. (Alarcão, Isabel. 2005 p. 85)

Os próprios currículos sugerem variadas formas de trabalho. O currículo da Cidade de São Paulo (2019) apresenta: situação de trabalho coletivo, situações de trabalhos em grupos, situações de trabalhos em duplas e situações de trabalho autônomo, proposta que se enquadra no movimento metodológico de organização docente. Cabe ao docente verificar o perfil da turma para avaliar a possibilidade de

uso dessas estratégias e lembrar que cada sala tem um perfil que deve ser analisado individualmente.

Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças. (MANTOAN, 2003 p.20)

Às vezes, peca-se por acreditar que pegar um bloco de aulas do mesmo ciclo facilitará o planejamento, mas se as práticas inclusivas não forem agregadas aos mesmos, podemos conseguir atingir os objetivos do conhecimento, em contrapartida não colaboraremos com a formação de cidadãos empáticos e inclusivos. E também, sabemos que o aluno com deficiência, com dificuldade de aprendizagem e que apresenta outras especificidades precisará por vezes de algumas atividades individuais para assimilar melhor as propostas oferecidas. Somente é necessário certo cuidado para não retornar a realizar outros contextos de aprendizagem que destoam das práticas inclusivas. Atuar dentro das práticas inclusivas traduzirá uma prática onde não haverá discriminação ou qualquer outra ação que exponha o educando em sala de aula.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que a geração Z, que engloba os nossos alunos traz uma diversidade imensa de comportamento e de nível de aprendizagens para as salas de aula e por esse motivo, não podemos nos esquecer de que modelos de aulas tradicionais colaboram para a exclusão de alunos no processo de aprendizagem. A pesquisada realizada teve a intenção de trazer à luz uma autoanálise das práticas docentes; o objetivo é de corroborar para que os docentes deixem aflorar em suas práticas outras habilidades, uma delas seria a criatividade. Só com criatividade as aulas podem se tornar inclusivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. – 4ª ed. – São Paulo, Cortez, 2005.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial (SEESP). Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

PACHECO, J. et al. Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MANTOAM, Maria Teresa Égler. Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer? – São Paulo: Moderna, 2003

CURRÍCULO DA CIDADE: Ensino Fundamental: componente curricular: Língua Portuguesa – 2 ed. – São Paulo: SME/COPED, 2019.

ROLDÃO, M. do C. A mudança anunciada da escola ou um paradigma de escola em ruptura? In: ALARCÃO, I. (org.) Escola reflexiva e Nova Racionalidade. Porto Alegre: ARTMED, 2001.